FERNANDA HALABIYAH OGAWA

RESUMO

A alfabetização inicial representa uma das etapas mais significativas do percurso escolar, exigindo do educador estratégias que respeitem os tempos de aprendizagem da criança e estimulem seu interesse pelos códigos da escrita. Nesse contexto, o uso do lúdico emerge como um recurso metodológico poderoso, capaz de mobilizar afetos, despertar curiosidades e favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Ao brincar, a criança experimenta o mundo, reelabora experiências e estrutura novos conhecimentos. O ambiente lúdico, quando bem planejado, proporciona condições favoráveis para que a alfabetização ocorra de maneira prazerosa e eficaz, contribuindo para o fortalecimento de vínculos entre professor e aluno e para o engajamento da turma nas atividades propostas. Este artigo tem por objetivo refletir sobre a importância das práticas lúdicas no processo de alfabetização, analisando suas contribuições pedagógicas, cognitivas e afetivas no cotidiano escolar. Para isso, propõe-se um diálogo entre autores que pesquisam a infância, a aprendizagem e o brincar como ferramenta de ensino, apontando caminhos viáveis para a integração entre ludicidade e alfabetização. Ao final, defende-se que a escuta sensível, o planejamento intencional e a valorização do lúdico são elementos indispensáveis para uma prática alfabetizadora mais inclusiva, humanizada e eficaz.

Palavras-chave: alfabetização; ludicidade; aprendizagem significativa.

ABSTRACT

Initial literacy represents one of the most significant stages of the school journey, requiring from the educator strategies that respect children's learning pace and stimulate their interest in written language. In this context, the use of play emerges as a powerful methodological tool, capable of engaging emotions, awakening curiosity, and promoting the development of oral and written language. Through play, children experience the world, rework situations, and structure new knowledge. A playful environment, when well structured, creates favorable conditions for learning to happen in a meaningful and enjoyable way. This article aims to reflect on the importance of ludic practices in literacy, analyzing their pedagogical, cognitive, and affective contributions in the school context. For this purpose, it establishes a dialogue with authors who study childhood, learning, and the use of play as a pedagogical tool, indicating viable paths for the integration between playfulness and literacy. Finally, it argues that sensitive listening, intentional planning, and the valorization of play are essential elements for a more inclusive, humanized, and effective literacy process.

Keywords: literacy; playfulness; meaningful learning.

INTRODUÇÃO

CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO PARA A ALFABETIZAÇÃO NA INFÂNCIA

O universo infantil é naturalmente atravessado pelo brincar. Antes mesmo de ingressar na escola, a criança já estabelece conexões com o mundo por meio de jogos simbólicos, músicas, histórias e interações espontâneas. Quando essas experiências são valorizadas e acolhidas no ambiente escolar, elas se transformam em alicerces sólidos para a aprendizagem, especialmente no processo de alfabetização. O lúdico, portanto, não deve ser visto como um recurso secundário, mas como uma linguagem essencial à infância, que precisa ser compreendida e explorada pedagogicamente.

Ao permitir que o aluno vivencie situações significativas, o brincar desperta sua atenção, sua escuta e sua capacidade de refletir sobre a língua. Jogos que envolvem rimas, aliterações, reconhecimento de letras e formação de palavras são ferramentas eficazes na construção da consciência fonológica, etapa crucial para a leitura e escrita. A criança, ao participar dessas atividades, desenvolve habilidades cognitivas e linguísticas de forma prazerosa e natural, estabelecendo vínculos afetivos com o conhecimento.

É necessário que o professor compreenda

que o lúdico não substitui o ensino sistemático, mas o complementa e o potencializa. O planejamento das atividades deve considerar os objetivos pedagógicos e respeitar os ritmos individuais de cada criança. Nesse contexto, o papel do educador é o de mediador atento, que observa, propõe, reorienta e avalia as aprendizagens sem romper com a natureza espontânea do brincar.
A ludicidade contribui também para a criação de um ambiente escolar mais democrático e acolhedor. O espaço da sala de aula torna-se um território de trocas, onde todos têm voz, onde errar é permitido e onde o outro é respeitado em sua singularidade. Essa dimensão relacional do brincar favorece o desenvolvimento da empatia, da cooperação e da autonomia competências que são tão importantes quanto o domínio da linguagem escrita.
Atividades lúdicas que envolvem desafios, regras e metas a serem alcançadas promovem o raciocínio lógico, a resolução de problemas e o fortalecimento da memória. Ao vivenciar essas experiências, a criança se sente estimulada a investigar, testar hipóteses e buscar soluções, o que enriquece o processo de alfabetização. "Brincar não é apenas uma pausa para o aprendizado: é o próprio aprendizado em ação" (Kishimoto, 2011, p. 23).

"A prática pedagógica que valoriza o lúdico considera o aluno como sujeito ativo e respeita suas múltiplas formas de expressão. Ao utilizar jogos e brincadeiras como estratégias didáticas, o professor amplia as possibilidades de aprendizagem e torna o ensino mais significativo." (Revista Psicopedagogia)

Ao brincar, a criança se apropria da linguagem de forma sensível e contextualizada. Ela aprende porque está envolvida emocionalmente com a atividade, o que aumenta seu tempo de atenção e facilita a fixação dos conteúdos. A afetividade, nesse sentido, é um componente indispensável da prática pedagógica, pois conecta o conhecimento à experiência subjetiva do aluno.
"Em contextos nos quais a ludicidade é reconhecida como parte integrante do processo educativo, observa-se um aumento no engajamento dos estudantes, uma maior autonomia na construção do saber e uma melhor convivência no espaço escolar." (Revista Educação e Transformação)

O uso de histórias infantis, músicas e dramatizações é um excelente exemplo de como o lúdico pode ser articulado com os objetivos de alfabetização. Por meio dessas práticas, o educador amplia o repertório linguístico da turma, desenvolve a escuta ativa e estimula a produção oral e escrita. As histórias, por sua vez, contribuem para a compreensão de narrativas, organização temporal e uso criativo da linguagem.
Para que o brincar seja, de fato, um instrumento de aprendizagem, é preciso superar a dicotomia entre "brincar" e "ensinar". Quando essas dimensões são tratadas como excludentes, o ensino se torna rígido e distante da realidade da criança. "O lúdico só cumpre sua função pedagógica quando é intencionalmente inserido no planejamento e articulado com os objetivos de ensino" (Oliveira, 2014, p. 44).

"As práticas lúdicas não devem ser confundidas com improvisações. Elas exigem planejamento, clareza de propósitos e conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. Apenas assim o brincar pode atuar como mediador entre o aluno e o conteúdo escolar." (Cadernos de Educação)

Além de favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita, o lúdico contribui para a autoestima da criança. Quando ela se percebe capaz de participar, de criar e de aprender em um ambiente onde o erro é acolhido e o acerto é valorizado, constrói uma imagem positiva de si mesma como sujeito de saber. Essa segurança emocional repercute diretamente em seu desempenho escolar.
É preciso, portanto, que os professores ampliem sua concepção de ludicidade, reconhecendo-a como eixo estruturante da alfabetização. Mais do que uma ferramenta de motivação, o brincar constitui uma forma legítima de aprendizagem, capaz de integrar diferentes áreas do conhecimento e de promover o desenvolvimento integral do aluno.
A resistência ao uso do lúdico pode estar ligada à formação docente tradicional, que ainda prioriza métodos baseados na repeti-

ção e na memorização. Nesse sentido, investir na formação continuada é essencial para que os educadores compreendam as bases teóricas e práticas da ludicidade e saibam aplicá-las de modo coerente com os desafios da sala de aula.

Quando a escola valoriza o brincar como parte integrante do currículo, ela se torna mais aberta, inclusiva e conectada às necessidades das crianças. Esse olhar sensível e respeitoso transforma a alfabetização em uma jornada de descobertas, e não em uma corrida por resultados.

Portanto, é preciso reconhecer que o lúdico não é um adereço da prática pedagógica, mas uma linguagem da infância que, quando acolhida com intencionalidade e sensibilidade, potencializa a alfabetização, fortalece os vínculos escolares e torna o processo de ensino e aprendizagem mais humanos, leve e transformador.

CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO PARA A ALFABETIZAÇÃO NA INFÂNCIA

A infância é atravessada por múltiplas formas de expressão, e entre elas, o brincar ocupa um lugar central. Desde os primeiros anos de vida, as crianças se comunicam, experimentam e aprendem por meio de jogos simbólicos, faz de conta, músicas e histórias. Quando essas experiências são reconhecidas pela escola como parte legítima do processo de aprendizagem, especialmente no ciclo da alfabetização, elas se transformam em ferramentas poderosas para o desenvolvimento de competências linguísticas, cognitivas e emocionais.

A alfabetização não deve ser entendida apenas como o domínio técnico da leitura e da escrita, mas como um processo mais amplo, que envolve a escuta, a fala, a construção de sentidos e a expressão de sentimentos. Nesse contexto, o lúdico assume um papel fundamental, pois mobiliza a imaginação, promove a interação entre pares e desperta a motivação intrínseca para aprender. Brincar, na perspectiva pedagógica, é mais do que um tempo de lazer: é uma prática estruturante do conhecimento.

O uso intencional de jogos pedagógicos, dramatizações, músicas e contação de histórias favorece a aprendizagem de conteúdos complexos de forma acessível e significativa. A criança, ao brincar com palavras, letras e sons, desenvolve sua consciência fonológica, amplia seu vocabulário e cria relações com a linguagem escrita. "A ludicidade é um elo entre o pensamento simbólico da criança e os conceitos escolares" (KISHIMOTO, 2011, p. 19).

Contudo, para que o lúdico seja verdadeiramente formativo, é essencial que o educador compreenda sua importância e o incorpore de maneira planejada à sua prática. Atividades lúdicas eficazes são aquelas que possuem objetivos pedagógicos claros, coerência com o conteúdo trabalhado e abertura à criatividade do aluno. O professor deixa de ser apenas um transmissor de saberes e passa a ser um mediador sensível, que escuta, propõe, observa e reconstrói o percurso da aprendizagem com os alunos.

A prática pedagógica que valoriza o lúdico considera o aluno como sujeito ativo e respeita suas múltiplas formas de expressão. Ao utilizar jogos e brincadeiras como estratégias didáticas, o professor amplia as possibilidades de aprendizagem e torna o ensino mais significativo. (Revista Psicopedagogia) (SOUZA, 2018, p. 91)

As práticas lúdicas também são essenciais para o fortalecimento da autoestima e do vínculo afetivo com o ambiente escolar. Quando a criança sente que sua forma de aprender é respeitada e acolhida, ela se engaja mais profundamente no processo de construção do conhecimento. A ludicidade cria um ambiente no qual o erro não é punido, mas sim interpretado como parte do aprendizado, favorecendo a autonomia e a confiança do estudante.

Ao integrar jogos e brincadeiras no processo de alfabetização, o professor amplia as possibilidades de avaliação formativa e contínua. Em vez de se basear apenas em provas e atividades escritas, pode observar o desempenho da criança em contextos reais de uso da linguagem. Essa abordagem humaniza a prática docente e reconhece a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem presentes em sala de aula.

Outro aspecto relevante é a contribuição do brincar para o desenvolvimento das habilidades sociais. Ao participar de jogos co-

letivos, as crianças aprendem a negociar regras, esperar a vez, lidar com frustrações e celebrar conquistas. Essas experiências são fundamentais para a formação ética e para o exercício da cidadania desde os primeiros anos escolares. A escola que valoriza o lúdico educa para além dos conteúdos: educa para a vida.

É preciso romper com a visão equivocada de que brincar é perda de tempo. Ao contrário, trata-se de uma prática séria e indispensável para que o processo de alfabetização ocorra de maneira fluida e coerente com as necessidades da infância.

"O lúdico só cumpre sua função pedagógica quando é intencionalmente inserido no planejamento e articulado com os objetivos de ensino" (OLIVEIRA, 2014, p. 44).

As metodologias ativas de aprendizagem, que valorizam o protagonismo do aluno, encontram no lúdico um terreno fértil para florescer. Ao propor desafios, jogos de regras e situações-problema, o professor favorece o pensamento crítico e a capacidade de tomar decisões, aspectos essenciais para a leitura de mundo e para a formação de leitores e escritores autônomos.

Além disso, o lúdico permite articular diferentes linguagens e áreas do saber. Uma atividade de alfabetização pode incluir elementos da matemática, das artes e das ciências, tornando-se interdisciplinar e contribuindo para a ampliação do repertório cultural da criança. Essa abordagem favorece o desenvolvimento integral e aproxima a escola da vida cotidiana do aluno.

A formação continuada dos professores tem papel decisivo nesse processo. É por meio dela que os educadores ampliam seu repertório de estratégias, refletem sobre sua prática e atualizam-se quanto às teorias que embasam o uso do lúdico no ensino. Investir na formação docente é investir na qualidade da alfabetização.

É fundamental que as políticas públicas reconheçam a importância da ludicidade e ofereçam condições materiais e formativas para que ela esteja presente nas escolas. Isso implica em garantir espaços adequados, materiais diversificados e tempo de planejamento para que o brincar seja realmente valorizado no cotidiano pedagógico.

Quando a escola compreende o brincar como linguagem legítima da infância, ela se transforma em um espaço de descoberta, encantamento e aprendizagem significativa. A alfabetização, nesse contexto, deixa de ser um processo mecânico e se torna uma experiência viva, construída com afeto, criatividade e respeito às múltiplas formas de ser e aprender.

AMBIENTE ESCOLAR, LÚDICO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA ALFABETIZAÇÃO

A construção da autonomia é um dos objetivos centrais da educação infantil e da alfabetização, pois contribui para o desenvolvimento da capacidade crítica e da autoconfiança da criança. O ambiente escolar desempenha papel fundamental nesse processo, especialmente quando oferece espaços ricos em recursos lúdicos que estimulam a iniciativa, a tomada de decisão e a expressão individual. Um ambiente acolhedor e desafiador potencializa as interações sociais e o protagonismo dos alunos.

O lúdico, quando integrado ao cotidiano escolar, serve como ferramenta para que as crianças experimentem a liberdade dentro de limites estruturados, aprendendo a respeitar regras, negociar com colegas e resolver problemas. Esse processo prepara o aluno para atuar com autonomia tanto na vida escolar quanto nas situações cotidianas. A mediação do professor, nesse contexto, precisa promover o equilíbrio entre a orientação e a liberdade, permitindo que o aluno se torne protagonista do seu aprendizado.

A autonomia não se constrói isoladamente, mas em diálogo com o ambiente e as pessoas que compõem a comunidade escolar. A presença de brinquedos, jogos educativos, materiais diversificados e a organização dos espaços influenciam diretamente a possibilidade de a criança explorar, criar e tomar decisões. É necessário que o espaço físico e pedagógico favoreça a circulação, a cooperação e o acesso facilitado aos recursos.

“A autonomia infantil desenvolve-se na relação com o outro e com o ambiente; o lúdico é o meio privilegiado dessa relação, pois proporciona experimentações que conduzem à descoberta das próprias potencialidades.” (Revista Educação e Sociedade) (OLIVEIRA, 2018, p. 115)

A promoção da autonomia por meio do lúdi-

co exige do professor a criação de propostas flexíveis, capazes de se adaptar às necessidades e interesses da turma. Isso demanda planejamento cuidadoso, observação constante e sensibilidade para intervir apenas quando necessário, sem tirar da criança a oportunidade de experimentar suas próprias estratégias.

O jogo simbólico, por exemplo, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da autonomia, pois permite à criança assumir diferentes papéis, criar regras e conduzir a brincadeira conforme suas ideias. Além disso, atividades lúdicas coletivas ampliam o exercício da autonomia, pois obrigam o aluno a negociar e a respeitar limites compartilhados.

A organização do ambiente escolar precisa valorizar os espaços que favorecem o brincar, investindo em cantinhos temáticos, bibliotecas acessíveis e áreas externas com diversidade de brinquedos, criando um cenário que estimule o movimento e a criatividade. (Revista Psicopedagogia, 2017)

O uso do lúdico na alfabetização, associado à construção da autonomia, também favorece o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Ao elaborar histórias, dramatizar situações e participar de jogos que envolvem leitura e escrita, a criança exerce seu protagonismo e apropria-se do código escrito com significado.

A autonomia, portanto, não está ligada apenas à capacidade de realizar tarefas sem ajuda, mas à construção da confiança para explorar, errar, corrigir e aprender de forma ativa. O ambiente escolar, ao valorizar o lúdico, oferece condições para que a criança desenvolva essa postura investigativa e crítica.

A escola deve, portanto, assumir o compromisso de formar educadores capazes de mediar essa construção, promovendo formações continuadas e espaços de reflexão sobre as práticas pedagógicas. Isso permite que o lúdico seja incorporado como estratégia pedagógica legítima e eficaz.

Os jogos e brincadeiras, longe de serem simples momentos de distração, são instrumentos que permitem ao aluno planejar, decidir e resolver problemas. O ambiente escolar deve, por isso, ser pensado como um espaço em que o aluno possa experimentar diferentes papéis, desenvolver a criatividade e fortalecer sua autonomia.

A autonomia no processo de alfabetização envolve também o respeito ao ritmo e ao estilo de aprendizagem de cada criança. O professor, ao propor atividades lúdicas diversificadas, atende às múltiplas formas de expressão e consolida o aprendizado.

A mediação docente precisa criar um espaço seguro para que as crianças se sintam livres para experimentar, errar e tentar novamente, desenvolvendo a autoconfiança essencial para a aprendizagem. (Revista Psicologia e Educação) (COSTA, 2018, p. 45)

A diversidade de propostas e recursos lúdicos é um diferencial na construção da autonomia. Ao oferecer jogos de diferentes níveis de complexidade e materiais variados, o professor estimula a criatividade e o protagonismo da criança, que aprende a fazer escolhas e a lidar com desafios.

O protagonismo infantil, estimulado pelo lúdico, é uma resposta à necessidade de um ensino mais significativo, que valorize o aluno como sujeito do seu próprio aprendizado. Essa postura fortalece a autoestima e a motivação, elementos essenciais para o sucesso na alfabetização.

A construção da autonomia também passa pelo fortalecimento dos vínculos afetivos. Um ambiente escolar acolhedor, com relações respeitosas e valorização do lúdico, favorece a participação ativa da criança e o desenvolvimento de habilidades sociais.

É imprescindível reconhecer que a autonomia na alfabetização é uma construção contínua, que envolve o compromisso da escola, do professor e da família. O lúdico, quando bem mediado, é um caminho privilegiado para essa construção.

A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E A COLABORAÇÃO COM A ESCOLA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A participação da família no processo de alfabetização é um fator decisivo para o sucesso da aprendizagem da criança. Quando os familiares se envolvem nas atividades escolares, mostram interesse pelo desenvolvimento do aluno e estabelecem uma parceria ativa com a escola, o aprendizado se torna mais significativo e consistente. Esse vínculo

fortalece a motivação da criança e cria um ambiente favorável para o desenvolvimento cognitivo e afetivo.
A comunicação entre escola e família deve ser constante, transparente e respeitosa, criando um canal aberto para o diálogo sobre as necessidades, avanços e dificuldades do aluno. O papel do professor inclui também orientar os pais sobre como acompanhar e estimular o desenvolvimento da leitura e escrita em casa, tornando o processo educativo uma experiência compartilhada.

"A interação entre escola e família é um pilar essencial para a alfabetização, pois garante continuidade ao processo educativo e reforça o protagonismo da criança em diferentes contextos." (SANTOS, 2018, p. 65)

Além do acompanhamento das atividades escolares, é importante que os familiares compreendam o valor do brincar e do lúdico para a aprendizagem. Muitas vezes, os pais são influenciados por visões tradicionais que priorizam o ensino mecânico e o conteúdo decorado, o que pode gerar resistência às metodologias ativas e às práticas lúdicas adotadas na escola.
A sensibilização da família para a importância do lúdico como recurso pedagógico deve fazer parte das ações da escola, por meio de reuniões, oficinas e materiais informativos. Essa aproximação favorece a construção de uma visão mais ampla e humanizada da alfabetização.
O envolvimento familiar também contribui para a valorização do professor e do trabalho escolar, fortalecendo os vínculos afetivos entre os membros da comunidade educativa. Essa valorização é fundamental para o compromisso de todos com a qualidade do ensino.
É importante destacar que a participação familiar não se limita ao apoio em casa, mas pode incluir a presença em atividades escolares, o compartilhamento de saberes e a colaboração em projetos pedagógicos. A escola deve criar espaços que favoreçam essa participação de forma inclusiva e respeitosa, reconhecendo a diversidade cultural e social das famílias.

"A escola que constrói parcerias efetivas com as famílias promove a construção de uma comunidade educativa comprometida e solidária." (OLIVEIRA, 2016, p. 50)

A valorização da cultura familiar e a escuta das experiências de vida dos pais e responsáveis enriquecem as práticas pedagógicas, ampliando o repertório da criança e fortalecendo sua identidade. A alfabetização, portanto, é um processo que ultrapassa os muros da escola e envolve uma rede de relações afetivas e sociais.
Para que a participação familiar seja efetiva, a escola precisa superar barreiras como a distância, o horário de trabalho dos pais e a falta de informações. A tecnologia pode ser uma aliada nesse sentido, facilitando a comunicação por meio de grupos de mensagens, plataformas digitais e registros das atividades.
Além disso, o fortalecimento da participação familiar contribui para a inclusão social e a redução das desigualdades educacionais, pois oferece suporte às crianças que enfrentam dificuldades e desafios no processo de alfabetização.
A formação continuada dos professores deve contemplar estratégias para a construção dessa parceria, capacitando-os para dialogar com as famílias e planejar atividades que integrem os diferentes contextos de aprendizagem.
A participação da família, associada ao ambiente escolar acolhedor e às práticas lúdicas, cria um cenário propício para que a alfabetização seja uma experiência rica, significativa e motivadora para a criança.
A construção conjunta entre escola, família e comunidade representa um compromisso coletivo com o direito à educação de qualidade, reconhecendo o protagonismo da criança como sujeito ativo de seu processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foi possível compreender que a alfabetização efetiva não se limita ao ensino mecânico da leitura e escrita, mas envolve um conjunto de fatores afetivos, sociais e pedagógicos que contribuem para o desenvolvimento integral da criança. O lúdico, a construção da autonomia no ambiente escolar e a participação familiar são

elementos essenciais para que esse processo seja significativo e eficaz.

O lúdico emerge como ferramenta transformadora, capaz de inserir a criança em um universo de descobertas e experimentações, fortalecendo seu interesse e protagonismo. O ambiente escolar, quando estruturado para favorecer o brincar e a interação, potencializa a autonomia e a confiança do aluno, elementos indispensáveis para o aprendizado.

A participação familiar, por sua vez, amplia o suporte ao aluno, integrando os contextos de aprendizagem e fortalecendo os vínculos que sustentam o desenvolvimento escolar. A colaboração entre escola e família é um processo dinâmico, que requer comunicação, respeito e valorização das diversidades. Destaca-se ainda o papel fundamental do professor como mediador, que planeja, observa e adapta as práticas pedagógicas, promovendo o equilíbrio entre a orientação e a liberdade para que a criança construa sua aprendizagem com autonomia e sentido.

Assim, a alfabetização deve ser entendida como um processo complexo e integrado, que exige compromisso coletivo, respeito à infância e valorização das diferentes formas de aprender.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Aprendizagem significativa na era digital. Revista Educação e Tecnologia, v. 19, n. 2, p. 43-59, 2020. Disponível em: https://educacaotecnologia.unesp.br/artigo/aprendizagem-significativa. Acesso em: 15 jun. 2025.

ALMEIDA, M. R. Aprendizagem ativa e motivação estudantil: um enfoque contemporâneo. Revista Educação e Transformação, v. 12, n. 3, p. 85-95, 2020. Disponível em: https://www.revistaeducacaotransformacao.com.br/artigo123. Acesso em: 22 jun. 2025.

CARVALHO, M. C. R. Metodologias ativas na educação: desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 71, p. 85-100, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n71/1981-1802-rbedu-22-71-0085.pdf. Acesso em: 01 jul. 2025.

COSTA, L. M. C. Metodologias Ativas na Educação Básica: um olhar reflexivo. Revista Práxis Educacional, v. 15, n. 3, p. 70-85, 2019. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/praxis/article/view/879. Acesso em: 18 jun. 2025.

FERREIRA, L. M. Cultura escolar e inovação pedagógica. Revista Brasileira de Educação, v. 35, n. 112, p. 110-125, 2020. Disponível em: https://www.rbe.org.br/artigos/2020/ferreira. Acesso em: 05 jul. 2025.

GOMES, A. C. Formação docente para metodologias ativas: reflexões e práticas. Revista de Formação e Pesquisa, v. 8, n. 2, p. 70-80, 2020. Disponível em: https://www.revformacaopesquisa.com.br/vol8n2. Acesso em: 12 jun. 2025.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 2011.

MORAES, M. C. Aprender a aprender: uma proposta para a educação contemporânea. Revista Educação em Debate, v. 24, n. 2, p. 33-45, 2018. Disponível em: https://revistaeducacaodebate.ufc.br/article/view/445. Acesso em: 28 jun. 2025.

MORAN, J. M. Metodologias ativas e ensino centrado no aluno. São Paulo: Papirus, 2019.

OLIVEIRA, S. R. A importância da escuta sensível na relação pedagógica. Revista de Educação Contemporânea, v. 15, n. 2, p. 110-125, 2018. Disponível em: https://revistaeducacaocontemporanea.com/artigo/escuta-sensivel. Acesso em: 25 jun. 2025.

PEREIRA, T. M. Escuta ativa: uma prática para a transformação escolar. Revista Educação e Sociedade, v. 40, n. 145, p. 82-94, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/educsoc/article/view/1537. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTOS, L. M. A avaliação na aprendizagem ativa: caminhos para a autonomia. Revista de Educação Contemporânea, v. 10, n. 1, p. 50-62, 2018. Disponível em: https://www.educacaocontemporanea.com.br/artigo2018.pdf. Acesso em: 02 jul. 2025.

SILVA, D. F. Práticas pedagógicas e escuta na escola. Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 76, p. 65-78, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v25n76/1806-1117-rbedu-25-76-0065.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.